

Mulheres idosas e seus itinerários: reflexões sobre a individuação em contextos de periferia.

Leandro Rogério Pinheiro.

Cita:

Leandro Rogério Pinheiro (2017). *Mulheres idosas e seus itinerários: reflexões sobre a individuação em contextos de periferia*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/4032>

Mulheres idosas e seus itinerários: reflexões sobre a individuação em contextos de periferia

Leandro R. Pinheiro

leandropinheiro75@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Brasil

A narrativa apresentada aqui resulta de nossos encontros com mulheres idosas vinculadas a uma das escolas de samba do bairro Restinga¹, extremo sul da cidade de Porto Alegre, Brasil. Tínhamos a intenção de conhecer as práticas cotidianas de moradoras daquela localidade e, desde as redes de ação e sociabilidade que produziam, saber das pertencas naquele lugar. Entretanto, nossos diálogos, geralmente ambientados em suas residências, onde nos acolhiam generosa e amistosamente, conduziram-nos também às singularidades de seus itinerários de vida e a reflexões sobre o espaço de possíveis de mulheres em localidades de periferia.

De forma geral, nossas interlocutoras se mostravam motivadas pela possibilidade de partilhar lembranças, as quais, dada a longevidade de suas trajetórias, consolidavam vivências estendidas de quadros culturais e familiares, elaboradas em condição existencial já menos incitada pelas demandas do presente e as projeções de futuro, com um “pano de fundo” definido e prestes a ser compartilhado (BOSI, 1994). As quatro idosas se apresentaram a nós a partir de uma dinâmica de rodas de conversa e entrevistas realizadas entre outubro de 2014 e agosto de 2015 e, logo, percebemos que as atividades que propomos foram incorporadas entre outros compromissos que procuravam garantir para fruição de seus dias como aposentadas. Queríamos conhecer seu cotidiano e fomos prontamente integrados a ele.

Embora o mote inicial tenha sido lançado por nós, pesquisadores-educadores, os encontros se tornaram momentos de sociabilidade cuja configuração se deu pela atuação marcante de nossas interlocutoras, fazendo daqueles momentos de partilha e de comunhão à volta da mesa, quando comíamos e conversávamos como visitas à casa de amigas. Inicialmente, falávamos sobre imagens fotográficas que possuíam e, a partir daí, conhecemos fragmentos de suas trajetórias e da história do bairro. Depois de meses, passamos a realizar entrevistas narrativas e, então, criamos a ambiência para elaboração de itinerários biográficos.

Consideramos as identidades produzidas ao nível da individuação. Buscamos acercar nossas análises também às provocações de Martuccelli (2006; 2007) sobre as noções de “prova” e

¹ O bairro Restinga, localizado no extremo sul do município de Porto Alegre, foi criado por políticas higienizadoras do poder público nos anos 1960. Resultou da remoção de famílias das então chamadas “vilas de malocas”, comunidades cujas habitações eram precárias e possuíam maioria de população negra. A localização de tais moradias era próxima ao centro da cidade, em área cobiçada pelo mercado imobiliário (NUNES, 1990).

de “suporte”, visando interpretar condições de individuação nos espaços de ação de nossas interlocutoras. As proposições do autor sinalizam que as relações sociais contemporâneas instigam experiências diversas, contribuindo para que estas se particularizem mesmo quando as pessoas ocupam posições sociais assemelhadas. Sua interpretação orienta-se ao processo de singularização estruturalmente produzido na modernidade e propõe operadores analíticos para a compreensão das formas pelas quais os indivíduos se constituem na relação com aspectos que perpassam a socialização na coletividade: como afirma este autor, o processo de individuação precisa ser problematizado aquém e além das identidades.

Nesse sentido, apresenta a noção de “desafio-prova” como artifício heurístico, destacando os desafios sócio históricos que os indivíduos são impelidos a enfrentar (conforme as condições sociais em que se encontram) e que podem ser vivenciados singularmente. A tal conceito o autor associa também a noção de “suporte”, para falar das relações que amparam os indivíduos no enfrentamento de seus desafios existenciais. Aí, podemos situar laços familiares e de reciprocidade, redes de amizade e sociabilidade, referências simbólicas ou, então, a articulação a aparatos institucionais que garantam e/ou promovam condições para que os sujeitos efetivem seus projetos e/ou logrem seguir em disputa.

Não se trata de assumir a priori as contribuições desses autores, ou mesmo de reportar diretamente o cenário por ele esboçado às vivências dos sujeitos que viemos a conhecer no bairro Restinga. Frente às experiências narradas pelas pessoas que viemos a conhecer, tais abordagens se configuraram como inspirações. A partir delas, procuramos problematizar os itinerários biográficos e às formas pelas quais nossas interlocutoras integraram disposições para a prática e elaborações reflexivas no trato da incerteza e do múltiplo, ainda que estes se apresentassem mais pela interposição da precariedade de condições de vida e/ou da fragilidade das articulações com aparatos institucionais. Assim, tratamos de interpretar os percursos narrados concebendo “espaços de possíveis” desde onde atuam/atuaram como sujeitos de ações e escolhas junto a pertencas e frente a desafios e adversidades², e em relação aos quais construíram-se como individualidades.

Desde o contraste dos itinerários contados e destes com os fragmentos que nos chegaram nas histórias e casos enunciados nas diversas rodas de conversa, para efeito desta escrita, procuramos manter a disposição de singularidades consubstanciadas em percursos biográficos. Visamos configurar, desta forma, experiências individuais na periferia como casos contextualizados para visibilização, contraste e interpretação das condições ora comuns ora

² Neste sentido, consideramos também as contribuições de Bourdieu (1996), no apêndice “A Ilusão biográfica”, ponderando os movimentos narrados desde sua articulação com deslocamentos no/do espaço social de ação, perguntando-nos vez ou outra pelos capitais sociais e culturais que apoiaram a existência. Outras vezes, observávamos as táticas e a astúcia com que as ações eram produzidas, deixando então que De Certeau (2011) nos apoiasse nas análises.

peculiares nas construções identitárias. Antes, porém, faz-se necessário trazer mais informações sobre o contexto de nossos diálogos.

1. Entre fragmentos e histórias contadas, os itinerários em narrativa

A cada encontro na Restinga, visitávamos uma das residências. Não raro, aquelas idosas nos confidenciavam suas preocupações com os conflitos do tráfico de drogas e com a violência do entorno; lamentavam também a precariedade dos serviços de saúde, mas, de outra parte, versavam sobre as conquistas históricas da comunidade e sobre a necessidade de valorizar o que já fora realizado, procurando relativizar as adversidades. Desta ambientação, passamos gradativamente às suas práticas cotidianas e a seus percursos biográficos.

Uma característica comum entre as integrantes deste grupo, e que primeiro se mostrou a nós como particularidade, era sua condição etária e a situação de aposentadas. Nossas colegas circundavam os 70 anos de vida. Quando não estavam ocupadas em suas rotinas domésticas, todas elas se mostravam em buscas por sociabilidade e atividades para fruição coletiva (coral, escola de samba, viagens, atuação política, etc). Em boa medida, as atividades de lazer vinham sendo oportunizadas após a aposentadoria, dado que possuíam mais tempo livre e, com os filhos relativamente independentes, podiam dedicar também recursos pecuniários em atividades e passeios com grupos de pessoas de sua faixa etária.

Contudo, essa situação diferia a cada caso, conforme se organizavam os arranjos familiares. Estas idosas eram referência para as tomadas de decisão, quando não eram participantes ativas no sustento familiar, aproximando-se da realidade nacional de aumento do número de famílias chefiadas por idosos, provocado, de um lado, pela consolidação de benefícios sociais nas últimas décadas e, de outro, pela condição instável e precária de acesso dos jovens ao mercado de trabalho (Buaes, 2015)³.

Nesse cenário, é preciso ter em mente também que a composição dos lares de nossas interlocutoras, a exemplo das dinâmicas familiares de grupos populares (Fonseca, 2004), organiza-se desde composições diversas. Em alguns casos, inclui-se a existência de mais de uma casa em cada pátio, sendo que os residentes destas vivem de maneira interdependente, e, de forma geral, a configuração de laços de reciprocidade construídas entre avós, filhos(as) e netos(as).

Ademais, a vivência da aposentadoria na atualidade não se coloca mais apenas pelo processo de adaptação após conclusão de uma etapa alicerçada nas relações e práticas de trabalho.

³ Buaes (2015) ressalta que “as estimativas da Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD) de 2011 apontaram para um contingente de aproximadamente 23 milhões de pessoas com 60 anos e mais, o que representa cerca de 12% da população brasileira, sendo que aproximadamente 15 milhões de idosos chefiavam famílias” (p. 107). Considerando a regularidade de ganhos de pessoas aposentadas, o autor sinaliza ainda para a ampliação dos apelos do mercado aos idosos, em atenção ao seu potencial de consumo.

A ampliação da expectativa de vida, com a possibilidade de se viver de 20 a 30 anos via seguridade social, coloca desafios referentes à construção de um novo momento de desenvolvimento. Estar em atividade, então, contrasta-se com imaginário negativo vinculado à velhice, associado à inutilidade, solidão e morte (Fontoura, 2015). Em que pese as tentativas de diversificar suas rotinas, percebíamos reclamações por mais atenção e atividades e o receio do adoecimento por falta de ocupação.

Essa condição ambientou fortemente nossos encontros e configurou a densidade das memórias a que te tivemos o privilégio de conhecer. Passemos aos percursos individuais e, neste ínterim, também a outras condições comuns às experiências daquelas mulheres, enunciadas gradativamente no curso das conversações.

2.1 Os itinerários em narrativa

Adiante, procuramos elaborar itinerários biográficos a partir do que nos foi narrado. Nos limites deste texto, traremos a seguir duas narrativas dentre as seis que produzimos juntos com as integrantes da escola de samba. Em nossas entrevistas e rodas de conversa, fomos apresentados às trajetórias destas mulheres em um esforço que, vale ressaltar, consiste na construção de uma linearidade onde não há. Inspirados por Bourdieu (1996), consideramos que enunciar-se significa produzir-se e há diversos fatores que influenciam tal produção – uma preocupação com a cronologia, o postulado do sentido da existência contada e o próprio ouvinte para quem a história é narrada são alguns exemplos relevantes. Nesse sentido, a produção das trajetórias é sempre uma (re)invenção.

Helena⁴: a família e a identidade pelo “cuidado”

Natural de região onde, atualmente, se localiza o município de Barra do Ribeiro, interior do Rio Grande do Sul, Helena advinha de uma família de 10 filhos. Esta esteve presente em muitas de suas falas, frequentemente representada pela figura do pai, Lucídio, e nos enunciados sobre união entre os familiares, orgulhosamente proferidos por nossa interlocutora. Em nossas rodas de conversa quinzenais, a presença da filha, Joice, e da neta, Nathália, era comum e suas vozes recebiam acolhimento no desenrolar dos depoimentos de Helena.

Meu pai, apesar de ele ser uma pessoa boa, ele era muito rígido. Ele não gostava de filho em praça, ele não gostava de filho andando pra lá e pra cá... Então a gente ficava em casa. Eu bordei, fiz chochê, fiz tricot, pinteí tecido... A gente era criada pra vida doméstica, pra dona de casa, fiz todo o meu enxoval a mão. (Março/2015)

⁴ Os nomes utilizados aqui são fictícios.

De uma família de agricultores com propriedade de cultivo, Helena iniciou sua vida laboral já na infância, colaborando na enxada desde os seis anos. Relatou que os pais davam muita importância à educação, mas que a mão de obra era também necessidade, assim que ela e os irmãos davam conta do trabalho, incluindo-se, em seu caso, atividades e prendas domésticas.

E um rapaz, um dos colegas, me chamou de negra de trança de gaita e eu só deitei o braço, amontoei ele em cima da classe, e aí veio a diretora, veio a irmã, veio todo mundo e chama a minha mãe. Veio minha mãe, minha mãe já veio bem baixinho. “A sua filha vai ser expulsa do colégio, porque ela bateu” E a minha mãe disse assim: “Dou um doce, fecho essa porcaria, mas a minha filha fica aqui. Não foi ele que chamou? Então expulse ele, ou eu termino com o colégio”. Acabou, ficou tudo na paz, consegui me formar, se formar naquela época era fazer o segundo grau.

Quando tinha aproximadamente 7 anos de idade, mudaram-se para a cidade de Tapes, também interior, onde ela iniciou os estudos em escola pública, passando, em seguida, a uma escola particular de freiras, com bolsa concedida pela prefeitura. Dos tempos de escola, Helena contou-nos que, sendo a única negra no colégio, sofreu com discriminações. Por conta de reação ao preconceito, esteve perto de ser expulsa da escola, não fosse o veemente posicionamento da mãe. Satisfeita, disse-nos que, como ela, todos os irmãos concluíram a passagem pela escola. A mesma importância deu para a educação de seus filhos – sua filha, Junara, formou-se em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e os signos da formatura (em fotos e adereços) decoravam a residência de nossa interlocutora. Escolha de graduação significativamente ligada à trajetória de Helena.

Vale mencionar que a escolarização mantinha-se como atividade simbolicamente valorada pela família de Helena. Poderíamos citar exemplo de uma de nossas conversas, quando vieram à tona as memórias da formatura da filha citada acima. Mostraram-nos as fotos e contaram lembranças da mobilização de familiares e conhecidos para viabilizar a celebração do que entendiam ser uma conquista. Mencionaram também as escolhas e as renúncias do percurso ao priorizarem a conclusão do ensino superior pela parente. As falas de Helena, da irmã e da sobrinha da formada versavam sobre conquistas que não pareciam ser atribuídas exclusivamente à estudante, mas ao coletivo, desde suas redes de reciprocidade (entre familiares e amigos), num sobre-esforço que lembra os argumentos de Lahire (1997) sobre as razões do improvável. Sem a possibilidade de um acompanhamento regular por conta das adversidades enfrentadas, a filha de Helena concluiu o ensino superior sob os efeitos da ordem moral familiar, sendo o itinerário escolar da mãe a referência normativa da pertinência da relação escola-emprego.

Falando sobre a constituição de seu núcleo familiar, Helena narrou sua “trajetória de andanças”, conforme definiu. Aos 19 anos, “desobedecendo ao pai”, casou-se com homem 10 anos mais velho. Conforme se apresentavam oportunidades de trabalho ao marido, migravam entre algumas cidades da região metropolitana. Primeiramente, por indicação de um familiar, o esposo deixou o serviço no carregamento de sacas de arroz em Tapes, para trabalhar em estaleiro em Porto Alegre⁵. A esta época, Helena iniciou serviços de limpeza e como empregada doméstica. Depois, mudaram-se para Guaíba, onde administraram uma propriedade rural e um serviço de assistência a dependentes químicos.

Nos anos 1980, já com três filhos, decidiram voltar à capital para que estes tivessem melhores oportunidades de escolarização e formação profissional. Dessa vez, estabeleceram-se na Restinga Velha. “A gente foi para uma casa de madeira igual a do lobo mau. Se soprasse ela caía. [...] Foi muito difícil nossa vida aqui. Mas... a gente achou amigos” (março/2015). Na fala sobre as adversidades de sua vida na periferia, emerge a importância dada por Helena às amizades ali feitas, indiciando-se as redes que suportaram sua existência. Neste sentido, Nandi, amiga de Helena desde sua chegada à Restinga, figurava de maneira emblemática em seus depoimentos – no início, como referência de conhecimento da vida naquele espaço, e depois como parceira nos caminhos que traçaram juntas, política e pessoalmente.

O envolvimento de Helena com a política poderia ser posto com o seguinte trecho de sua entrevista: “Ah, a gente é metida. A gente se mete nas coisas dos outros, das coisas de gente grande. E a gente fala. Tem gente que não fala. [...] Nós temos que discutir, nós temos que brigar pelo que a gente acha que vale a pena”. Por vezes, durante o período de nossa interlocução, buscávamos por Helena ou Nandi em suas casas e descobríamos não estarem em função de eventos comunitários, nas áreas de saúde ou educação. Sua arena política era a das lutas pelo bairro, configurada a partir das necessidades pessoais e coletivas.

Segundo nos contou, a experiência de Helena após sua chegada na Restinga foi organizada sobremaneira pelos cuidados da família, incluindo-se aí os filhos e o marido, já bastante doente e a quem ela assistira mesmo depois de separada, e pelo trabalho em enfermagem. Concorria para ocupação de seus dias também a militância por melhores condições de vida no bairro e a sociabilidades gestadas em vínculo à escola de samba, ambas partilhadas com Nandi.

Há que se ressaltar, Helena afirmava com muito gosto sua atuação como auxiliar de enfermagem. A oportunidade de formação surgiu de contatos em um emprego de limpeza de um colégio de freiras, na década de 1960. Animada, engajou-se no estudo e na prática de trabalho

⁵ Tratava-se do Estaleiro Só e Cia., atuante em Porto Alegre nos anos 1950 aos 1990 (Devos, 2015).

dentro de hospitais. “Essa experiência de trabalhar em hospital é maravilhosa! [...] é muito gratificante tu saber que tu contribuiu pra melhora de alguém, é muito gratificante...”.

De uma parte, costumava enfatizar sua afeição pelo cuidado de outrem, sinalizando para sua pertença a atividades, não raro, socialmente atribuídas ao feminino (Bruschini, 2007). De outra, sua prática na enfermagem associava forte relação com manifestação de sua espiritualidade. À medida que nos conhecíamos, identificamos seu envolvimento com a religião Espírita. Em certa ocasião, contou-nos que era preciso confiar nos médicos, mas seria necessário reconhecer que haveria quem guiasse as mãos destes. Assim, apropriava reflexivamente o sistema simbólico daquela doutrina ao seu cotidiano e, desta forma, parecia tomar posição frente às vulnerabilidades sentidas no trabalho de muitos anos.

Eles diziam “moça, me dá a mão pra mim não morrer sozinho”. Nunca me custou dar a mão, era só dá a mão pra eles que eles ó, vão em paz. Só que eu pedia pra Deus, bote essa criatura num bom lugar, sei lá eu aonde, não sei se tem esse lugar, mas era só o meu pedido pra eles.

Nandi, política e lugar

Antes de conhecer Nandi, dela ouvimos falar. Referência de liderança comunitária na Restinga, onde mora há mais de 40 anos, a nós se apresentou a partir de palavras engajadas. Diria mais tarde que um dos maiores aprendizados recebidos de sua mãe, sobre quem falou longamente na entrevista, foi o de saber usar a sua voz, seu discurso político, sua sabedoria.

Prontamente dispunha-se a contar-nos passagens de sua trajetória, iniciada em uma época em que o Hospital da Santa Casa de Porto Alegre ainda ostentava uma “roda de expostos”. Nascer mulher em uma família que esperava um filho homem já seria razão para ficar na roda, disse-nos Nandi. Quando criança, viveu com a família em Porto Alegre e, mais especificamente, na região da Lomba do Asseio⁶. Neste sentido, recordou tempos em que sua mãe abriu as portas da própria casa para alfabetizar crianças e adultos, em trabalho comunitário, e os laços de sociabilidade do pai, envolvido com músicas em bares ou com os amigos em casa.

Aos nove anos, após a aposentadoria de seu pai por adoecimento, sua família mudou-se para a cidade de Osório, próxima da região de onde eram originários, no interior do Estado. Então, Nandi foi deixada em um abrigo no bairro Independência, cuja manutenção estava sob a administração de freiras com quem a mãe tinha boa relação. A esse respeito, argumentou da

⁶ Nessa região, no início do século XX, foi construído um trapiche para despejo de resíduos domésticos levados nos cubos, recipientes fornecidos pelo poder público às residências e recolhidos regularmente para fins de “asseio público”. Dos anos 1950 aos 1990, a área foi ocupada pelo Estaleiro Só e, mais recentemente, converteu-se em espaço de disputas, dado crescimento da urbe e sua valorização no mercado imobiliário. (Devos, 2015). Vale mencionar, Nandi disse que seu pai fora cubeiro, realizando a troca dos cubos nas casas.

seguinte forma: “ela me deixou nesse abrigo porque eu precisava; eles não queriam me levar pra fora até mesmo na incerteza se haveria uma possibilidade de eu ser alguém na vida” (abril/2015). Então, desde sua mirada retrospectiva, teria se iniciado naquele momento uma trajetória permeada por “lutas”, procurando narrar uma postura de superação de várias adversidades – ainda criança, teria se posicionado resistente à mudança e ao afastamento dos pais; e em relação à permanência no abrigo, citou seus embates com atitudes racistas que experienciara.

Permaneceu no abrigo até os 15 anos. Logrou chegar ao quinto ano na escola e disse-nos que sua estada por lá incluía trabalhar na limpeza das dependências, assim como a prestação de serviços para famílias abastadas das proximidades, em lavanderia também mantida pelas freiras. Foi a partir de contatos destas que, quando decidiu deixar o abrigo, conseguiu emprego em uma casa de família. Então, iniciou um itinerário com várias inserções laborais. A narrativa de Nandi sobre tal percurso era perpassada também por críticas à discriminação racial, comentando obstáculos do mundo do trabalho para uma jovem negra nos anos 60. Do trabalho como doméstica, à rápida passagem por trabalho administrativo numa emissora de TV e às vivências como funcionária de grandes hospitais de Porto Alegre, em cada experiência, relatou situações de preconceito.

Trabalhava naquela mansão ali onde é o [Hospital] Presidente Vargas. Encontrei uma resistência de racismo cruel. Que eu comi em prato lascado, bebia xicara lascada, copo rachado, pão de dois três dias antes.

Uma coisa que eu sempre notei quando eu ia pleitear um emprego ou curso, coisas assim. Eu olhava pra ver quantos negros tinham junto comigo ali e negro sempre foi a minoria.

Eu consegui uma vaga mesmo, era pra trabalhar nesse hospital através de um contato, de uma pessoa conhecida. Aí, lá eu inventei de tomar as dores e pegar a causa em defesa dos meus colegas e ir contra o parente de um paciente. Aí, eu fui, né, e a partir dali eu cavei uma briga muito grande com o chefe da radiologia. Dele chegar a ponto de dizer que eu deveria voltar pro balde e a vassoura, porque naquele setor o negro era muito audacioso e petulante de querer, né, chegar até lá.

À época de nosso diálogo, Nandi estava aposentada e vivia com Ênio, que nos foi apresentado como parceiro de trajetória desde os 20 anos, e com quem teve seus filhos. Com o esposo, teria residido em vários bairros da cidade (Menino Deus, Bom Jesus, São Manoel, etc.), em geral, sob condições vulnerabilizadas. A itinerância teria cessado quando se estabeleceu na Restinga Velha. Mantinha contato com moradores do bairro, amigos que residiam na Ilhota, no Areal da Baronesa e na Lomba do Asseio e que haviam sido removidos para o extremo sul do

município. Estes a apoiaram para que encontrasse um lugar por lá e, então, de maneira astuciosa conseguiu agenciar a venda da casa onde morava⁷, emprestada por parente de Ênio, e adquirir o espaço onde residia quando dialogávamos.

Contou-nos que o espaço que naquele momento habitavam em nada se parecia com a Restinga que ocuparam 40 anos antes. Na época que chegou ao bairro, este não possuía saneamento básico ou energia elétrica. Orgulhosa, narrou-nos sua participação na mudança de tal cenário. Era o “[...] início aqui da construção da Restinga [...] tava difícil, transporte, educação, saúde. Foi aonde nós formamos o Clube de Mães. [...] era uma das entidades fortíssimas que, que conseguia tudo antes das associações” (abril/2015).

A arena política parece ter se configurado como um espaço de distinção para Nandi. Já teria experienciado aproximações em função dos interesses políticos e participações comunitárias de sua mãe e, também, pela incursão em iniciativas de política estudantil nos anos 1960, das quais se aproximara, inicialmente, por contatos das freiras com quem vivera e das iniciativas da igreja católica de que tomara conhecimento. Contudo, quando passa a atuar na mobilização comunitária na Restinga Velha conquista notoriedade na comunidade e, junto a outras mulheres, se estabelece em disputas por recursos, acessando departamentos políticos em espaços institucionais.

Entretanto, sua atuação política tendia à esfera comunitária, com contatos episódicos com espaços institucionalizados, onde prepondera historicamente a atuação masculina, em aproximação ao relatado por Sacchet (2009) acerca das distinções de gênero na conformação de capitais sociais. Neste sentido, quando narrou a transição de representação política do clube de mães que coordenava para uma associação de moradores, Nandi disse ter deixado a coordenação para outro ativista, vizinho na Restinga Velha. Consideramos a hipótese de que as diferenciações de gênero tenham sido fator importante aqui. No curso do processo de mobilização popular que culminou na organização e/ou fortalecimento de tais associações entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, em muitos casos com apoio e assessoria de militantes de esquerda (Armani, 1992; Feltran, 2007), Nandi parece ter cedido lugar quando a arena política se estruturava aos moldes dos espaços públicos de deliberação monopolizados por homens.

Sua atuação política e sua relação com o lugar também se configuravam na organização de atividades da escola de samba e pela fruição no carnaval. Nandi comentara memórias da fundação

⁷ Nandi nos contou que morava no bairro São Manoel, em casa cedida por parente de Ênio, que desejava vender o imóvel e precisava que o deixassem. Passavam por dificuldades financeiras e seu marido estava em viagem de trabalho quando apareceu na sua rua uma pessoa interessada em adquirir uma residência. Tratou de oferecer a casa, estipulando um valor que lhe parecera adequado. Depois, comunicou o proprietário, solicitou que lhe fosse pago uma comissão e agendou uma reunião entre as partes no próprio imóvel. Como estava com fornecimento de energia elétrica cortado, pediu que a vizinha lhe ajudasse com uma extensão, tentando omitir a situação de pendências. Feita a transação, recebeu a comissão e não entregou a casa sem antes pagar as contas. Com o restante, comprou a propriedade na Restinga Velha.

da Estado Maior da Restinga e, em geral, mostrava-se implicada com os rumos da administração desta. Contou-nos que atuou por doze anos, em distintas funções dentro daquela agremiação, nutrindo seu gosto pelo carnaval e pelos desfiles – algo iniciado em sua adolescência, com o pai, quando estes ocorriam ainda no centro da cidade. Em casa, ela e Ênio ostentavam um grande mural de fotografias, indicando sua sociabilidade junto às redes de produção musical e carnavalesca: desfiles, pessoas famosas do meio, grupos de amigos uniformizados pela escola de samba, relações de longa data e constituintes de seu itinerário⁸.

A relação com o lugar se fazia presente nos depoimentos de nossas interlocutoras e, de maneira patente, nas falas de Nandi. Ela enunciava conquistas da comunidade e o fazia associando ao seu itinerário biográfico e à sua participação em reivindicações. Não raro, posicionava-se contando acontecimentos e tomadas de posição na busca de recursos para o bairro e os ensaios fotográficos, neste sentido, guardavam espaço especial para topos em que dizia representados poderes da Restinga ou logros do ativismo político na conformação do que a localidade comporta atualmente.

Como afirma Lindón (2016), acreditamos que, como uma das moradoras mais antigas na comunidade, Nandi protagonizava um discurso narrativizado de memórias do lugar, indicando forte articulação desta com a produção de sua identidade. A narrativização sobre a história do *locus*, como um dos aportes para construção sócio espacial, tomava corpo em nossos encontros e visibilizava, de um lado, uma produção coletiva que nos antecedia e, de outro, se fazia operante no próprio curso de nossas atividades com estas mulheres. Com isso, queremos assinalar que percebemos inflexões nos depoimentos das participantes durante o processo, sinalizando para a apropriação da narrativa sobre as conquistas históricas da população do bairro.

Nesse sentido, indiciava-se a adoção de uma concepção que contrastava o início e o agora desde a indicação de ‘ausências’ e ‘conquistas’ respectivamente, o que guardaria relação com uma das características notabilizadas sobre o bairro, a saber, sua organização político-comunitária. Indiciava-se aproximações à “identidade bifronte” caracterizada por Lindón acerca do território de *Valle de Chalco*, no México, de forma que a identificação com o lugar e a narração topológica do mesmo se organizava desde a atribuição de sentido a pontos da comunidade mediante o evocar mnemônico dos feitos que teriam criado a condição polarizada na história local. E poderíamos aventar os limites de tal caracterização, dado que não seriam somente ausências de início e que tampouco as conquistas seriam suficientes ou satisfatórias. No entanto, para fins de nossa análise, a construção sócio espacial indicava participação na produção identitária de nossas interlocutoras.

⁸ Importante destacar que as diferentes redes de pertença e ação citadas se entrecruzam. As relações de Nandi com moradores de bairros que foram removidos para onde hoje é o bairro Restinga por exemplo, erigiram-se também pela sociabilidade vinculada à musicalidade e às festividades associadas ao samba e ao carnaval.

De forma geral, todas as participantes pareciam comungar de tal compreensão ao final de nossas reuniões, tecendo relações com suas vivências das adversidades na Restinga Velha. Contudo, havia nuances nas pertenças segundo o tempo de moradia naquele espaço e as vivências fora daquela localidade. Assim, a vinculação à escola se dava mediada por laços familiares e/ou de sociabilidade, diversificando a pertença, distanciando-a do vínculo à agremiação e do que ela representa topologicamente para as ativistas da “fundação do bairro”.

2. Desde os percursos, considerações sobre as condições para individuação

É mister reavivar o já dito: as análises aqui resumidas não pretendem encerrar a vastidão de elementos que constituem as experiências das pessoas que viemos a conhecer. Os itinerários apresentados comportam narrativas intencionadas, com realce a aspectos que desejamos problematizar na configuração de um espaço de possíveis para mulheres em bairros de periferia e, neste cenário, na análise das pertenças que desenvolvem e/ou agenciam e das condições de individuação que condensam.

O primeiro ponto a realçar no conjunto dos seis itinerários, as narrativas acentuavam a importância de laços familiares na viabilização de apoios eventuais e, sobretudo, foram as redes gestadas a partir daí que configuraram as possibilidades e/ou contingências de trânsito no início dos percursos biográficos. Neste sentido, as dinâmicas familiares ambientam provas associadas à subsistência, interpelando em certo “fazer por si” e, neste ínterim, instigando individuação. À exceção de Helena, cuja juventude foi vivenciada na passagem de seu núcleo familiar originário para a composição de outro mediante casamento, aquelas mulheres cedo foram lançadas à responsabilização em atividades laborais e ao trânsito por diferentes espaços (residências ou, no caso de Nandi, um internato), conforme possibilitaram as redes formadas por seus pais. Poderíamos citar como exemplo as lembranças de Antonia, uma das seis interlocutoras: segundo recomendava seu pai, “pobre tem que procurar uma árvore que tenha bastante galhos e que dê bastante sombra”. Referia-se à tática de distribuir as filhas entre as famílias abastadas com quem estabelecera relações. Rede esta associada, de outra parte, a interações pessoalizadas, de exploração e discriminatórias, onde se situavam as artimanhas de quem não tem um “próprio” (De Certeau, 2011).

As relações na família também condensam provas se observarmos a atuação presente e as projeções daquelas mulheres quando versavam, sobretudo, sobre seus filhos. Aqui, as diferenciações de gênero dispõem desafios relativos à manutenção e coesão dos núcleos e à proteção e promoção daqueles que criaram e com quem procuram manter laços de reciprocidade, compondo um espaço de ação, de disposições naturalizadas e, ainda, de compromissos delimitadores/tensionadores de êxitos e fracassos. E, vale assinalar, atualizadas junto às redes

familiares, estavam as referências simbólicas a parentes (pais, mães, irmãs...), a significar e suportar as tomadas de posição de nossas interlocutoras pela coesão em relações que, para elas, vinham sendo relevantes na garantia de acolhida e de subsistência frente ao precário.

Redes de outras ordens parecem ter configurado também o espaço de possíveis de nossas interlocutoras, convertendo-se em uma espécie de capital social muitas vezes. A qualidade deste capital parece ter sido um dos fatores de distinção dos itinerários. Havia quem tivesse oportunidades contingenciadas pelas condições e relações de seus familiares e, então, fizeram do trabalho um espaço importante de aprendizagens e sociabilidades até a aposentadoria. Já Helena e Nandi integraram redes mais diversas, incluindo-se as sociabilidades vinculadas à condição e territorialidade étnica e/ou cultural⁹ (negra, musical e carnavalesca) e as articulações políticas, que, por sua vez, eram moduladas uma vez mais pelas diferenciações de gênero: seja na delimitação do espaço de ação, seja na configuração de laços de apoio entre mulheres, que, inclusive, presenciamos nos cuidados mútuos em nosso próprio grupo de encontros.

Então, a relação com o território se configura como outro espaço de provas. Seja na consolidação de moradias (e da estabilidade que representam), seja nas reivindicações por melhorias infraestruturais no bairro, as lidas com espaço cidadão conformou uma das arenas de disputas no qual precisavam e procuraram se afirmar¹⁰, desde o qual algumas alicerçaram processo de identificação e lograram certa distinção ao integrar a narrativização dos feitos e conquistas da comunidade. Em que pese a estigmatização dos moradores da Restinga Velha, as insuficiências estruturais ainda existentes lá e o distanciamento da localidade de espaços centrais e mais valorizados da cidade, aquelas mulheres procuravam sobrepor as conquistas para assentar o reconhecimento de suas experiências¹¹.

Concorre para a diferenciação em foco, também o domínio de capital cultural. As incursões pela escola, à exceção de Helena, foram fragmentadas, de forma que o campo educacional não configurou espaço de disputas efetivo nas trajetórias. Na maioria dos casos, contudo, era enunciado

⁹ Referimos tanto os espaços citadinos em que estivera/está situada (ou a que estivera/está relegada) a população negra, quando as redes de sociabilidade e circulação gestadas junto às práticas musicais, carnavalescas e religiosas que desenvolvem (Sommer, 2011).

¹⁰ E a relação com o território remonta a situações de migração campo-cidade. Neste caso, indica-se que os deslocamentos ocorreram não necessariamente como decorrência direta da mecanização do campo, mas pelo efeito articulado de concentração de recursos na região metropolitana da capital do Estado (via industrialização e urbanização), e as promessas de alternativas ampliadas de subsistência e mobilidade social que são atreladas a estes contextos, ainda que os acessos aos recursos se erija de maneira ostensivamente desigual. O período reconhecido como de “substituição de importações” (1930-80), que acaba por compreender a migração de nossos interlocutores, foi caracterizado pela formação de áreas geograficamente periféricas nos principais polos metropolitanos do país (Ribeiro, 2006).

¹¹ Não há como não assinalar os tensionamentos neste quesito. A relação com o território era experienciada entre a angústia da comparação com outras localidades e as memórias das mudanças produzidas no bairro, a indiciar parâmetros de distinção e mobilidade e, ademais, uma maneira de se viver e erigir a prova-desafio.

por sua valorização simbólica; erigia-se nas narrativas por funcionalidade às oportunidades laborais e possibilidades de ascensão e era referido sobretudo em relação aos filhos.

O lugar da escola como espaço de provas precisa ser ponderado em relação aos demais elementos do espaço de possíveis daquelas mulheres. Para Helena a escolarização se estendeu até a formação técnica em enfermagem, oportunizando melhor condição de empregabilidade, por conta da constituição de uma moral familiar neste sentido. Já Nandi, relatava o aprendizado de códigos formais na socialização das redes de ação política e do trabalho (e não só na educação básica, concluída somente depois dos 40 anos), onde teria se sentido estimulada a ouvir, ler e aprender a falar “corretamente”. Entretanto, no caso desta, para além da aprendizagem da escrita e da aritmética para fins instrumentais, há que se registrar que a escola suportou a militância de nossa interlocutora em função da sociabilidade oportunizada, destacadamente pela inserção política que instigara.

De outra parte, a partilha de saberes vinculados à vivência musical e artística (neste caso, sobretudo carnavalesca) ambientava capital cultural específico e, partir deste, erigiam-se relações que poderiam convertê-lo em novo capital social. Não raro, contavam-nos relações que oportunizavam momentos de fruição e entretenimento e traziam ao cotidiano experiências distintas da estrita busca de subsistência. Também a sociabilidade engendrada pela fruição musical e festiva ambientava situações de apoio e reciprocidade, quando não de protagonismo político¹².

Ademais, devemos mencionar as referências simbólicas e as relações construídas na associação a igrejas ou na integração a grupos de sociabilidade e lazer. Na narrativa de Helena, a expressão de religiosidade se indiciava como base no confronto das adversidades do trabalho na enfermagem, destacadamente nos anseios do convívio com a finitude da vida. As demais também a verbalizavam recorrentemente nas conversas e nos causos, numa apropriação que nem sempre indicava filiação institucional, mas refletia referências e justificação para as ações frente ao imponderável.

E a integração a grupos de sociabilidade e lazer compõem um suporte vinculado mais enfaticamente à condição presente de idosas e aposentadas. O desafio posto de encontrar arenas de atuação e sentidos para a ação parece fazer da integração a novos coletivos a possibilidade de amparo e a busca por garantir lugar ao que sabem e gostariam de partilhar e/ou recompor a experiência do tempo quando as rotinas laborais já não organizam mais as rotinas. Torna-se muito significativo encontrar quem as escute ou, então, com quem compartilhar atividades novas quando

¹² Vale considerar que a ida de Nandi para a Restinga, por exemplo, para além da forma astuciosa com que protagonizou a conquista de recursos para tanto, contou com a orientação e apoio de amigos que já residiam por lá, com quem mantinha laços também pela sociabilidade em festividades de carnaval. Noutro exemplo, cabe citar o envolvimento de Nandi (e seu esposo) na organização da escola de samba do bairro e, mais recentemente, na participação deles e de Helena nas disputas por delimitação do local da sede da mesma.

as possibilidades criadas por certa estabilização de ganhos e acesso a crédito permitem que ecoem as interpelações pelo consumo do supostamente distinto (Fontoura, 2015).

3. Considerações finais

Considerando as esferas de atuação e as provas e suportes que procuramos esboçar acima, tentamos destacar a importância das redes de reciprocidade e de sociabilidade, das pertenças e de algumas referências simbólicas para a subsistência em contextos onde os aparatos estatais são insuficientes ou tem presença marcada mais regularmente pela força e repressão. Além disso, procuramos indicar suas contribuições para o enfretamento de provas e, então, para a disposição de condições de individuação.

De forma geral, as arenas de atuação carregavam condicionamentos de gênero e étnicos (associados a materiais) e os trabalhos logrados eram aqueles de remuneração inferior. Ratts (2003) traz, neste sentido, análise pertinente das relações entre gênero, raça e espaço nas trajetórias de mulheres negras e acaba por reportar um histórico de migrações e inserções laborais precarizadas, delimitando territórios de circulação e tipos de trabalho na cidade, referindo a recorrência dos serviços como empregada doméstica. Um cenário que parece compor parte da realidade narrada aqui. A origem e o trânsito em situação bastante precarizada (que se atualiza na vivência do racismo e da inculcação de ofícios generificados) faz perdurar a segmentação e a desigualdade mesmo quando se tem conquistas históricas notórias (casa de alvenaria em área com saneamento, fornecimento de energia elétrica e água; a condição formal de aposentadoria)¹³.

As provas em jogo nas trajetórias narradas direcionavam-se sobremaneira às buscas por subsistência e, por conseguinte, ao mundo do trabalho. A conquista de vínculos formais e, em alguns casos, estabilidade funcional ou o que era narrado como certas “regalias” resultantes dos laços de emprego, eram mencionados em narrações reiteradas das superações e proezas. Diríamos mesmo que o fio condutor das narrações se orientava pelo contar do percurso das realizações protagonizadas e, aí, as ocupações laborais tinham lugar expressivo.

Nesse cenário, consideramos a hipótese de que as condições de individuação eram perpassadas por dois modos de ação principais. De um lado, temos o efeito de uma responsabilização precocemente vivida e visibilizada nos itinerários biográficos, quando precisavam trabalhar para famílias mais abastadas em atividades domésticas e de cuidado, ou mesmo quando exerciam tais atividades nas casas de seus próprios núcleos familiares. E este é o

¹³ Em nosso entendimento, os diálogos em campo fazem reforçar que ganhos econômicos efetivos venham mesmo com crescimento estrutural, aumento real de salários e valorização dos trabalhadores e/ou com o ingresso em condições laborais mais qualificadas. As redes sociais em análise e os capitais que consolidam garantiram a sobrevivência e tornaram os dias mais confortáveis e alegres, mas prescindir de investimentos vultosos de recursos seria ignorar as substanciais desigualdades em jogo.

cenário também de instauração do trânsito e da astúcia na feitura dos dias¹⁴: a diversidade de experiências a configurar itinerários construídos desde a necessidade de “fazer por si”, quando as condições de suporte não garantem existência estável e segura, parece operar na formação dos indivíduos, conforme estes precisam produzir táticas e agenciar redes no enfretamento dos desafios interpostos pela precariedade de condições de vida. Aqui, aproximamo-nos da concepção de um “individualismo agêntico”, como proposto por Danilo Martuccelli.

De outro lado, temos a individuação em casos de distinção relativa, por conta da inserção em campos de ação específicos, conquistando certa notoriedade conforme os capitais sociais de domínio. Referimo-nos às arenas política e cultural, onde Nandi e Helena atuavam, logrando reconhecimento pelo menos nos limites de sua comunidade. Neste caso, o efeito da narração se faz presente de maneira manifesta, dado que as posições de proeminência ocupadas parecem ter ensejado a comunicação dos feitos e, então, das memórias da atuação pessoal. Então, a narrativização se mostrava de forma patente como artifício não só de expressão da singularidade concebida, como personagem das realizações, mas como processo próprio da gestação do identitário e individual.

Referências

ARMANI, Domingos. *Centros de Educação e Promoção Popular, classes populares e hegemonia: a trajetória do CAMP*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

BRUSCHINI, Maria. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, 37(2), p. 537-572, 2007.

BUAES, Caroline S. Educação financeira com idosos em contexto popular. *Educação e Realidade*, v. 40, n 01, jan-mar/2015, p. 105-127.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2011.

¹⁴ O estabelecimento de redes de contatos, por exemplo, aparece nas referidas narrativas como um recurso potente: [...] eu cavei uma briga muito grande com o chefe da radiologia. [...] E a minha equipe, covardemente, lá pelas tantas, quando viu que ia, que se ficasse do meu lado ia perder o emprego, eles começaram a se aquietar num canto e eu fiquei sozinha. [...] eu me queixei uma vez só pros meus padrinhos, aquelas pessoas que me conduziram praquele local. [...] ele era o todo-poderoso, que era inclusive o meu padrinho. Aí, ele disse “Não, Nandi, vamos fazer o seguinte: tu, só, tu aguenta um pouquinho mais lá” [...] Aí, eu fui deslocada pro sexto andar” (Nandi, abril/2015).

DEVOS, Rafael V. O destino da Lomba do Asseio. Projeto Habitantes do Arroio – UFRGS/Instituto Anthropos. Disponível em: <http://habitantesdoarroio.blogspot.com.br/2009/08/o-destino-da-lomba-do-asseio.html>, em setembro/2015.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FONTOURA, Daniele; DOLL, Johannes; OLIVEIRA; Saulo N. O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. *Educação e Realidade*, v. 40, n 01, jan-mar/2015, p. 53-79.

FELTRAN, Gabriel. Vinte anos depois: a construção democrática brasileira vista da periferia de São Paulo. *Lua Nova*, 72, 2007, p. 83-114.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LINDÓN, Alicia. A periferia metropolitana da Cidade do México. In: PINHEIRO, Leandro R. (org.). *Itinerários versados: questões, sintonias e narrativas do cotidiano*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016, p. 73-114.

MARTUCCELLI, Danilo. *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago: LOM, 2007.

_____. *Lecciones de sociología del individuo*. Lima: PUC-Peru, 2006.

NOVAES, REGINA. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RATTS, Alecsandro. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In: *Anais do XXVII Encontro anual da ANPOCS*, Caxambú/MG, 2003.

RIBEIRO, Luiz C. Q. Dinâmica sócio territorial das metrópoles brasileiras. *IPEA – Políticas sociais: acompanhamento e análise*, 12, fev/2006, p. 221-229.

SACCHET, Teresa. Capital social, gênero e representação política no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 15, n. 2, nov/2009. p.306-332.

SOMMER, Michelle. *Territorialidade negra: a herança africana em Porto Alegre*. Porto Alegre: PMPA, 2011.